

## Os pescadores e a pesca artesanal em São Francisco do Paraguaçu-Bahia<sup>1</sup>

Prof<sup>a</sup>. Msc. Ednizia Ribeiro Araujo Kuhn  
Instituto Federal de Brasília (IFB)  
ednizia.kuhn@ifb.edu.br

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Guiomar Inez Germani  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
guiomar@ufba.br

### Introdução:

O artigo em tela é resultado da dissertação concluída em 2009 junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, intitulada “Terra e Água: Territórios dos pescadores artesanais de São Francisco do Paraguaçu-Bahia”, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Guiomar Inez Germani<sup>2</sup>. A pesquisa também é vinculada ao Projeto de Pesquisa GeografAR – A Geografia dos assentamentos na área rural – desta Universidade.

Apresenta-se como objetivo principal do trabalho a análise da produção do espaço e da territorialização dos pescadores artesanais na terra e na água, focado na localidade de São Francisco do Paraguaçu, situada no município de Cachoeira, Recôncavo Baiano, às margens da Reserva Extrativista Baía do Iguape<sup>3</sup>. Com esta análise, propõe-se identificar elementos que levem à compreensão da dinâmica e diversidade que perpassam a pesca artesanal. O conjunto de situações que emergem da análise dos pescadores artesanais deste espaço evidencia que trata-se de uma especificidade territorial que desencadeia um processo de formação de territórios articulados (terra e água) que é muito complexo, envolvendo uma gama muito grande de

---

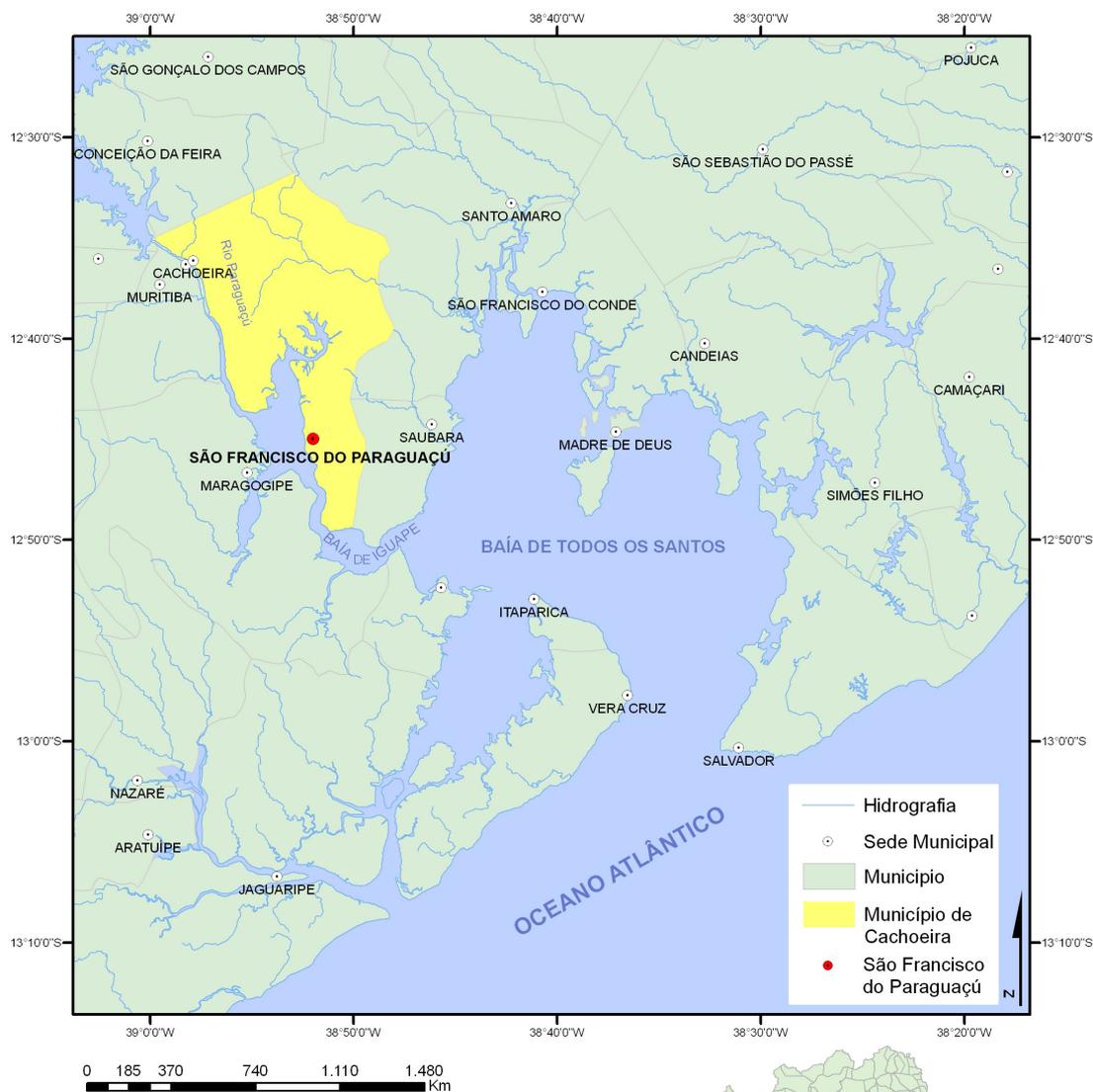
<sup>1</sup> Artigo apresentado no I Seminário Sobre Espaços Costeiros, no Eixo Temático 5: Conflitos fundiários em áreas costeiras – diversidade de agentes e territórios.

<sup>2</sup> O texto completo da dissertação encontra-se no site da Pós Graduação em Geografia da UFBA: [www.posgeo.ufba.br](http://www.posgeo.ufba.br)

<sup>3</sup> Detalhes sobre a localização da área de estudo estão Figura 1: Mapa de Localização de São Francisco do Paraguaçu-Bahia.

agentes, interesses e conflitos. Diante desta problemática, são analisadas as estratégias vivenciadas pelo grupo social para a consolidação da sua territorialidade.

**Figura 1: Mapa de localização de São Francisco do Paraguaçu-Bahia**



Fonte da Base Cartográfica: SIG SRH, 2004.  
Elaboração: GeografAR, 2009.

### **Metodologia da pesquisa:**

Se a Ciência positivista formal define que o trabalho científico deve ser permeado pela neutralidade na relação pesquisadores-pesquisados, de imediato explicita-se que este trabalho só foi possível por haver uma relação muito próxima, de respeito e confiança, entre os sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, todas as aproximações com a Comunidade de São Francisco do Paraguaçu, a realização de entrevistas e oficinas, a participação nas conversas, as explorações pelo território, as observações participantes das rotinas e cotidiano dos moradores locais, devem-se, exatamente, a uma não-neutralidade. Este trabalho não seria possível de outra forma, já que a Comunidade vive uma situação muito evidente de conflito.

A pesquisa participante foi a metodologia mais acionada para a aproximação com a Comunidade de pescadores de São Francisco do Paraguaçu. A pesquisa participante pressupõe um intenso contato com o grupo social, nos mais variados espaços e contextos. Como os demais métodos, ela apresenta limitações e armadilhas. Mas ela também é de grande riqueza para a pesquisa social, especialmente aquelas que envolvem grupos em situação de conflito.

Nesse sentido, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas ou não estruturadas com os moradores locais. As entrevistas se estabeleceram com mais sistematização e intensidade nas visitas a campo, entre outubro de 2008 e março de 2009. Muitas entrevistas aconteceram em ambientes com mais de uma pessoa, e, especialmente, durante as explorações que foram realizadas nos territórios de pesca, mariscagem e agricultura. Sempre acompanhada por pessoas da Comunidade, as caminhadas exploratórias chegavam a se estender por quatro a cinco horas. Nesse período, as entrevistas fluíam sobre os temas que eram suscitados ora pela pesquisadora e ora pelos elementos produtivos e históricos encontrados ao longo do caminho.

A maior parte das entrevistas foi gravada e/ou filmada, possibilitando a transcrição integral dos depoimentos. No entanto, a pesquisa participante pressupõe que o pesquisador testemunhe depoimentos e informações em momentos de conversa informal. Em alguns momentos ainda, o simples ato de ligar um aparelho gravador pode inibir uma conversa importante que fluía espontaneamente. Nessas ocasiões, tais informações foram registradas em papel e citadas de forma indireta.

Ainda sobre a metodologia das entrevistas, foi realizado um procedimento denominado de “entrevistas abertas”. Tais entrevistas são realizadas pelo projeto

GeografAR e, no caso específico, foram convidadas algumas lideranças do movimento dos pescadores artesanais que possuíam relações próximas com São Francisco do Paraguaçu. As entrevistas abertas consistem em potencializar um momento de entrevista, participando do processo não apenas quem indica um entrevistado, mas também outros sujeitos interessados no tema.

Outro elemento considerado central para a sistematização desta pesquisa foi a realização de Oficinas de Geografia. As Oficinas seguiram a metodologia já experimentada pelo Projeto GeografAR, na qual estabelece-se o diálogo de saberes e a troca de experiências entre pesquisador e pesquisado. A dialética do processo acontece no momento em que o pesquisador busca informações pertinentes ao seu trabalho, e, ao mesmo tempo, cria um contexto em que o grupo social se analisa sob outras perspectivas. Nesse caso, a perspectiva geográfica. O uso da cartografia é central nas Oficinas de Geografia e figura como estratégico para o grupo. Através do mapa é visualizada a organização do espaço construído pelo próprio grupo social.

Em São Francisco do Paraguaçu as Oficinas foram realizadas com os moradores locais, que formaram um grupo bastante diverso: idosos, jovens, crianças, homens e mulheres. Esse grupo foi subdividido em quatro, onde foram discutidos os seguintes temas: História, Produção, Cultura e Conflitos. No interior dos subgrupos, os participantes discutiam e mapeavam as questões mais relevantes referentes ao tema proposto. Assim, os mapas de conflito e produção, foram construídos pelo próprio grupo social a partir de sua vivência. Depois das discussões no interior dos subgrupos, eram apresentados os resultados para o grupo maior.

Assim, além de um objetivo científico, as Oficinas de Geografia possuem também um objetivo político muito claro. Elas buscam contribuir para a organização e fortalecimento do grupo social, problematizando e refletindo sobre as suas questões centrais sob o ponto de vista geográfico e espacial. Como o conhecimento do espaço, historicamente, se consolida como um conhecimento estratégico, o trabalho nas Oficinas pode ser incorporado pelo grupo social no seu processo de luta e de consolidação do território.

O entendimento do tema central foi apoiado, também, por experiências de campo vivenciadas em outras escalas de abordagem e em diferentes âmbitos da atividade pesqueira. Nesse sentido, buscou-se acompanhar Seminários, Encontros e Discussões estaduais e nacionais sobre pesca artesanal, promovido tanto por organizações institucionais quanto por organizações sociais da pesca.

Seguindo todos esses meandros que formam a rede de organização dos pescadores artesanais, tentou-se abordar o tema central, ou seja, a construção dos territórios articulados em terra e água pelos pescadores, abordando diferentes perspectivas e diferentes escalas de análise. O artigo ora apresentado é uma tentativa de sistematizar esse mundo complexo e articulado da pesca artesanal, centrando o foco nos pescadores artesanais de São Francisco do Paraguaçu.

### **Resultados e discussão:**

Ser pescador artesanal é ser possuidor de um arcabouço de conhecimento que é histórica e culturalmente construído, geralmente transmitido de pai para filho, através dos tempos. Tais conhecimentos dizem respeito ao ciclo de vida dos peixes, seus ritmos e territórios; ao ritmo da água; às técnicas de pesca; aos ritmos do tempo; da lua. Mas, mais que isso, ser pescador artesanal é possuir uma lógica diferenciada na relação com a natureza.

Os pescadores artesanais de São Francisco do Paraguaçu são caracterizados pela prática de várias atividades ligadas à sua sobrevivência econômica e cultural. Praticam, além da pesca, a mariscagem, a agricultura (na qual se insere também a criação de animais como bois, vacas, galinhas e porcos) e o extrativismo, especialmente da piaçava e do dendê. Essa característica pluriativa pode ser percebida através da observação da sua rotina bem como pelos diálogos estabelecidos entre pesquisadora e pescadores.

Assim, a discussão sobre o que significa ser pescador artesanal em São Francisco do Paraguaçu não se limita à exclusividade na atividade pesqueira. Ela adquire outras dimensões, como a pluriatividade e as múltiplas identidades que são necessárias para o sustento do grupo e a manutenção do território.

Em relação às múltiplas identidades, cabe destacar que os pescadores artesanais de São Francisco do Paraguaçu também se identificam como quilombolas. A adoção desta identidade provoca fragmentações neste grupo social, já que a identidade quilombola foi, por muito tempo, invisibilizada. Assim, o embate sobre ser ou não ser quilombola tem papel central na Comunidade e o conflito relacionado ao assumir da identidade quilombola é claramente estimulado pelos fazendeiros locais, inserindo a problemática no complexo e histórico processo de luta pela terra.

Os relatos históricos mostram que desde a época da escravidão a água já figurava como um espaço livre para o grupo social, onde o acesso não era limitado pelo domínio de uma classe. Outros relatos ainda destacam que algumas formas de pesca encontradas na África também acontecem em algumas regiões do Brasil, como mostrou Diegues (2001). Ainda de acordo com Diegues (2004), alguns tipos de pesca no Brasil, como a pesca da baleia, fortemente desenvolvida no litoral da Bahia, São Paulo e Santa Catarina, foram realizadas utilizando mão-de-obra de escravos africanos. Ainda, especificamente na Bahia, foi muito marcante a presença africana como escrava, em especial, no Recôncavo Baiano. Esses fatores agregados levam a compreender a relação que existe entre as comunidades quilombolas e as comunidades pesqueiras, levando a conectar a associação da localização das comunidades quilombolas junto ao litoral, estuários e rios. Orienta também para o entendimento do fato de hoje várias comunidades quilombolas praticarem a pesca.

Nesse sentido, os moradores de São Francisco do Paraguaçu assumem a identidade de pescadores artesanais e cumprem com as prerrogativas institucionais de tal condição, como por exemplo, filiam-se à Colônia de Pescadores de Cachoeira – Z-52.

Muitos pescadores ainda preservam características de autonomia e valorização da lida com o mar. Seu Tiago, mestre de rede e notável conhecedor das artes de pesca, revela: “Nunca fui empregado, minha vida é o mar e a terra” (Pesquisa de Campo, outubro de 2008). Da mesma forma, a religiosidade, característica de comunidades tradicionais, também é um elemento marcante na definição da pesca artesanal. Assim, os moradores de São Francisco festejam a Iemanjá, com a oferenda de presente para a rainha das águas; fazem o cortejo de canoas; celebram a Semana Santa, com orações e um cardápio que exclui a carne vermelha, entre outras manifestações e rituais.

Estes comportamentos que misturam conhecimento e fé, tradição e inovação, medo e coragem, é o que sustenta a argumentação de que esse grupo social possui uma relação diferenciada com a natureza. Os pescadores de São Francisco do Paraguaçu inserem-se neste simples e complexo modo de conceber o espaço geográfico. De modo que, se o espaço geográfico é o fruto da relação entre sociedade e natureza, para as comunidades tradicionais que também desejam se inserir no mundo capitalista do consumo, a natureza não é o recurso. O recurso para essa inserção é o trabalho. É o trabalho, o orgulho do saber-fazer, que torna-se o meio de inserção no sistema

capitalista. O trabalho livre e autônomo, não a apropriação da natureza e a sua transformação em recurso natural.

### **Considerações:**

As problemáticas que envolvem as comunidades tradicionais podem ser compreendidas a partir da análise das distintas lógicas de apropriação do espaço, ou seja, o espaço como valor de uso e o espaço como valor de troca. Neste, a natureza (a terra) torna-se mercadoria dentro da lógica capitalista e passa a suscitar o conflito e a violência para manter sua posse, quando não mais é possível manter a relação de sujeição dos grupos dominados. O conflito é inerente às distintas lógicas de relação/produção/apropriação do espaço/natureza. E eles, os conflitos, manifestam-se tanto na terra quanto na água.

São Francisco do Paraguaçu é um espaço privilegiado do ponto de vista do uso e da troca por possuir esses dois ambientes, terra e água. Como área de estuário, na qual desemboca o Rio Paraguaçu (rio que deu nome à área de estudo desta pesquisa), constitui-se uma área em que a mistura de água doce do rio com a mistura da água salgada da Baía de Todos os Santos forma um ambiente caracterizado pela presença de animais e vegetação típicos, a citar o ecossistema manguezal.

No entanto, a situação de conflito estabelecido em São Francisco do Paraguaçu faz com que o acesso aos espaços produtivos do território seja limitado pelos fazendeiros da área. As cercas nas áreas de manguezal, embora ilegais segundo a legislação brasileira, estão presentes no território.

Essa situação do território de São Francisco do Paraguaçu remete à problematização de quais são os agentes que dominam ou influenciam o referido território. Essas questões são fundamentais na delimitação de um território e o colocam, acima de tudo, como um campo de forças, onde as relações de poder estabelecidas configuram-se como desiguais.

### **Palavras-chave:**

Pescador artesanal, terra e água, território, São Francisco do Paraguaçu.

### Referências Bibliográficas:

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar**. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **A pesca construindo sociedades**: leituras em antropologia marítima e pesqueira. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, 2004.

FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade**: histórias de escravos libertos na Bahia (1870-1910). Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 2006.

GeografAR. A Geografia dos Assentamentos na Área Rural. **Comunidades Quilombolas na Bahia**. Salvador: UFBA / Projeto GeografAR, 2007.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Meio ambiente, ciência e poder: diálogo de diferentes matrizes de racionalidade. *In*: SPOSATI, Aldaíza; SAWAIA, Bader Buriham; GONÇALVES, Carlos Walter Porto; et. Al. **Ambientalismo e participação na contemporaneidade**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2001.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. 1 ed. São Paulo: Labur Edições, 2007.

SANTOS, Mario Alberto dos. **A experiência vivida na Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape/BA: diálogo de saberes, planejamento, educação autonomia**. Caminhos de Geografia. Uberlândia, v. 9, n. 27, Set/2008 p. 1 – 16. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. (Coleção Milton Santos; 12)

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VANNUCCI, Marta. **Os Manguezais e Nós: Uma Síntese de Percepções**. Versão em português Denise Navas-Pereira. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SILVA, Anelino Francisco da. **Pesca Artesanal: seu significado cultural**. Ateliê Geográfico. Goiania-GO, v. 1, n. 6, abril/2009, p. 119-136.